

OS SÍMBOLOS DO TARÔ

Nei Naiff

Podemos argumentar, segundo Jung, que residem no inconsciente coletivo os arquétipos primordiais: Pai, Mãe, Herói, Maná, Puer, Self, Anima, Animus, Sombra, e deles surgindo espontaneamente toda a gama de imagens arquetípicas e símbolos que o homem conhece ou conhecerá. Também, à medida que objetamos do consciente coletivo ou inconsciente pessoal toda simbólica para o inconsciente coletivo, eles formarão um molde que criará autonomia. Este processo é lento, secular. As civilizações, povos e culturas vão assimilando e fortalecendo os laços pessoais com os simbólicos, sendo que a cada geração eles se tornam mais fortes e impregnados no inconsciente pessoal e coletivo, o que Jung chamou de memória ancestral. O que é herdado é uma predisposição, um molde flexível, e não uma idéia concisa. O arquétipo, segundo Jung, nunca corresponderá a uma manifestação concreta; contudo, subjaz em todas as produções culturais, sendo o núcleo gerador espontâneo de tudo o que existe ou existirá em nosso universo criativo.

Porém, há uma confusão entre o uso do *substantivo* arquétipo e de seu *adjetivo* arquetípico. O conceito de *arquétipo* será sempre o de uma idéia abstrata, uma imagem primordial, que só é determinada quanto ao seu conteúdo e nunca pela sua forma, pelo seu modo operante e nunca pela sua imagem real, como por exemplo o arquétipo do Velho Sábio (Maná ou Senex) que é comum a todas as civilizações; contudo, o conceito de *arquetípico* se refere à manifestação do arquétipo numa situação determinada, uma figura, uma imagem, como por exemplo, um sacerdote, um conselheiro, um xamã, um guru, um asceta, e todos descritos de alguma forma com suas indumentárias: rezando uma missa, ensinando aos neófitos, buscando uma conciliação política, abençoando a coroação de um rei, meditando na montanha, que representam situações ou imagens arquetípicas do arquétipo do Velho Sábio. Assim, o arquétipo se torna uma imagem arquetípica quando conscientizado; porém Jung, em muitos casos, considerou essa "imagem arquetípica" como originária da infância



A coruja é um símbolo de sabedoria e julgamento.

ou experiência de vida e não de predisposições herdadas através dos arquétipos. Portanto, teremos dois conceitos para imagens arquetípicas: um oriundo da ancestralidade (arquétipo, inconsciente coletivo) e outro da linguagem simbólica natural (consciente ou inconsciente pessoal).

Como no caso do símbolo do mal (o maléfico, anticristo, magia negra, demônio, diabo) que herdamos da inquisição católica. No início, o Santo Ofício (Século XII) buscava pessoas infiltradas na comunidade católica que não comungassem com a Santa Igreja - os heréticos; não estavam conectados com a magia negra, mas sim com as culturas pagãs ou outros credos, principalmente o islamismo e o judaísmo. Com o passar dos séculos, os hereges foram sendo associados a praticantes de magia negra contra a Igreja Católica (bruxaria), originando uma crescente perseguição eclesial, com a vigia comportamental se estendendo a qualquer pessoa de "costume diferente"; assim, torna-se uma compulsão social, apontando em todas as direções, principalmente para as mulheres viúvas. Surge, assim, uma *imagem arquetípica*: uma mulher velha, feia, arcada, verrugenta, vestida de negro, com chapéu de cone, uma vassoura de galhos secos e um

caldeirão, pronta para fazer a feitiçaria: a bruxa.

No final da Inquisição, no século XVIII, a imagem arquetípica da bruxa estava tão impregnada na cultura mundial que se tornaria impossível desfazê-la, por mais que se tentasse mostrar os equivocados pensamentos católicos em relação as outras culturas, etnias e individualidade religiosa; o inconsciente coletivo já havia tragado este símbolo e assimilado a um arquétipo Sombra. Atualmente, embora a bruxa tenha perdido sua força simbólica no contexto social e já tentem associá-la a uma perseguida e bondosa velhinha, injustiçada e incompreendida pela Igreja, ainda subjaz sua imagem arquetípica malévolos em todas as etnias. Contudo, a criança ou o adulto se referem a esta imagem por metáfora a alguma coisa ruim de forma consciente: nenhuma criança vê numa pessoa a figura de uma bruxa se ela não conhecer esse significado, seja por contos de fadas, desenhos, ou informações familiares. Assim, a imagem arquetípica da bruxa má surgiu primeiramente do próprio arquétipo Sombra evocado pelo Cristianismo, e depois deixou de ser uma imagem arquetípica para se tornar um símbolo do mal na linguagem do consciente coletivo e pessoal por metáfora ou analogia.

Desta forma, os arquétipos se revelam como protótipos de conjuntos simbólicos, profundamente gravados na psique como modelos pré-formados, podendo surgir através do inconsciente coletivo ou pessoal e se instalar no consciente pessoal ou coletivo. O que é comum aos arquétipos, como já vimos, são as estruturas constantes, o modo de atuar e significar, conforme o caso do Velho Sábio e da Sombra já citados, e não as imagens aparentes, que podem variar conforme as épocas, etnias e indivíduos, que representariam as imagens arquetípicas (sacerdote, xamã, guru, bruxa, diabo, feiticeiro). Assim, podemos deduzir que um arcano do Tarô em seu conjunto simbólico é no máximo uma imagem arquetípica, mas os seus símbolos desunidos serão apenas símbolos individuais, alguns universais e outros nem tanto.

Quem dentre nós teria uma habilidade imparcial e conhecimento autônomo suficiente para modificar, retificar, ou melhor, transpor os símbolos tradicionais do Tarô para a atualidade sem perder a função da imagem arquetípica

NEI NAIFF

O JORNAL DO AMANHÃ

NÃO SÃO ARQUÉTIPOS

reconhecida? E esses símbolos "atuais" que poderiam ser recriados do Tarô, teriam força para perdurar tantos séculos a nossa frente para que outras gerações pudessem assimilá-los? Creio que a resposta é um sonoro "ninguém", pois a nossa atual cultura está tão fragmentada que somente se reportando aos símbolos tradicionais poderemos prosseguir sem dispersão.

Embora esteja em voga há algum tempo classificar um arcano do Tarô de arquétipo, nunca concordei com esta terminologia, porque dá margens a buscar em outras etnias e culturas os arquétipos e imagens arquetípicas afins. Essa situação se tornaria deformadora e desnecessária pela própria função do Tarô, acarretando muitas transposições das imagens e terminando com muitos Tarôs diferentes (como já ocorre com o modismo transcultural).

Também observo que a contínua e desordenada transfiguração simbólica do Tarô está acarretando uma ruptura da verdadeira estrutura de seus símbolos. Não estou me referindo à sua literatura que se encontra cada vez mais rica, mas só e unicamente de suas imagens e denominações. Como, por exemplo, a mudança de posição entre "A Justiça" e "A Força" no Tarô de Rider, as inúmeras imagens arquetípicas de centenas de mitos de diversas culturas, que muitos outros Tarôs têm adotado sem saber o porquê. O iniciante nas artes simbólicas dos arcanos registrará sempre as primeiras imagens, as nomenclaturas, as posições, tomando por base aquilo que ele observou e aprendeu a associar inicialmente, não sabendo que todos os Tarôs modernos são adaptações e transposições arquetípicas dos tradicionais e que todas as obras, leituras e métodos, são literalmente as mesmas, mudando-se apenas sua expressão.

Por isso prefiro classificar o significado geral de um arcano, suas qualidades, seu senso significativo, a linguagem da imagem, com a denominação **atributo** do arcano ou, no máximo, de **imagem arquetípica**, nunca um arquétipo, para não dar margens às especulações figurativas transculturais. Contudo a palavra arcano (segredo,



A bruxa é uma manifestação arquetípica da Sombra

mistério, oculto, o que tem que ser revelado) é totalmente satisfatória para arregimentar todo o conteúdo enigmático das cartas de Tarô; então, por quê teríamos que evocar outro nome? Por que está se dizendo e escrevendo, por exemplo, "o arquétipo do Mago" e não a terminologia mais correta para o Tarô que seria: o arcano "O Mago", o símbolo do Arcano 01, a linguagem simbólica do Arcano 01?

Contudo, se desejarem utilizar a linguagem junguiana para o Tarô, o correto será dizer: o arquetípico Mago, a arquetípica Sacerdotisa, e assim por diante, porque não existe o arquétipo do Mago, o arquétipo da Sacerdotisa; serão sempre *imagens arquetípicas*! Na linguagem junguiana, o Arcano 05, "O Sacerdote", e o Arcano 09, "O Eremita", são imagens provenientes do mesmo arquétipo, o Velho Sábio ou Maná. Da mesma forma que o Arcano 07, "O Carro"; o Arcano 11, "A Força"; o Arcano 12, "O Pendurado"; o Arcano 16, "A Torre"; o Arcano 19, "O Sol"; o Arcano 21, "O Mundo"; são imagens arquetípicas do mesmo arquétipo: o Herói, ou talvez (quem sabe?) possamos incluir praticamente todos os Arcanos neste único arquétipo. Afinal, "O Herói" somos nós, e o Tarô fala de nós para nós! Podem parecer semelhantes

na linguagem coloquial, mas estas duas estruturas, o arquétipo junguiano e o arcano, tratam de valores conceituais diferentes.

A linguagem e símbolos do Tarô têm sido deformados pelo excesso das conexões mitológicas, porém é enriquecedor a inclusão de qualquer símbolo análogo ao arcano. Como por exemplo, a coruja, símbolo da deusa grega Atenas em seu designio de sabedoria, reflexão, racionalidade e julgamento, podendo ser incluída no Arcano 08, "A Justiça" ou até no Arcano 09, "O Eremita". Contudo, o elmo da mesma deusa, ou a própria deusa, não se enquadrariam neste Arcano, pois representam soberania, poder, potência, supremacia, invulnerabilidade, invisibilidade; assim, a coruja revela imparcialidade, o elmo unilateralidade e a deusa uma imagem

arquetípica com outros valores. Neste ponto, temos que admitir que o Tarô é essencialmente constituído de figuras e imagens simbólicas, e sob uma ótica menos romântica, talvez, nem seja constituído de imagens arquetípicas, pois a simples modificação da imagem poderá levar ao longo do tempo a outras interpretações arquetípicas, pertencentes a outros arquétipos e, conseqüentemente, a muitas discussões desnecessárias de quem ou por quê o fez, quem desenhou o melhor Tarô, etc, como já ocorre entre nós, pesquisadores e estudantes de Tarô.

Todavia é urgente uma melhor codificação universal de seus símbolos, nomes, imagens e linguagens. Somente desta forma - através de uma análise simbólica individualizada ponderada em seu conjunto - nós identificaremos o verdadeiro significado do arcano, onde a sua forma e expressão nos transmite um atributo, uma análise e uma mensagem. Talvez tenha chegado o momento de pararmos de estilizar o que já está mais do que estilizado nas imagens do Tarô, de buscarmos um denominador comum em sua estrutura simbólica e começarmos a traçar diretrizes mais consistentes para o futuro.

Nei Naiff é tarólogo, astrólogo e cabalista.